

David Bauer, Estudo Bíblico Indutivo, Aula 14, Interpretação, Contexto Histórico, Crítica Textual, Estudo da Palavra de Sabedoria de Tiago 1:5

© 2024 Dave Bauer e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. David Bower e seu ensino sobre Estudo Bíblico Indutivo. Esta é a sessão 14, Interpretação, Contexto Histórico, Crítica Textual, Estudo da Palavra de Sabedoria de Tiago 1:5.

Queremos avançar agora e apenas completar esta discussão sobre os vários tipos de evidências. Trabalhamos até o fim através das inflexões e por isso queremos olhar agora para o contexto histórico.

Devo apenas dizer, porém, antes de deixarmos as inflexões, apenas uma observação sobre isso. Nós conversamos sobre isso; Dei um exemplo do substantivo. Deixe-me dar um exemplo de flexões relacionadas a verbos.

Este exemplo também vem de Mateus capítulo 16, versículo 19, onde Jesus diz a Pedro: Eu te darei as chaves do reino dos céus. Eu lhe darei as chaves do reino dos céus. Você sabe que isso é muito debatido, o que está envolvido aqui na entrega das chaves e coisas assim, mas eu observaria o tempo futuro.

Eu lhe darei as chaves do reino dos céus. Se você levar essa inflexão a sério, isso sugere que tudo o que está envolvido nas chaves é algo que Pedro e talvez os discípulos, outros discípulos terão, mas ainda não têm neste ponto em Mateus capítulo 16. Isso limita muito significativamente o possibilidade do que essas chaves podem envolver.

Pelo menos a inflexão sugere que tudo o que está envolvido nas chaves é algo que eles ainda não têm neste ponto do capítulo 16 de Mateus, mas que terão no futuro em comparação com o capítulo 16 de Mateus. contexto histórico. Na verdade, existem dois níveis ou dois aspectos do contexto histórico.

Um deles é o contexto histórico do próprio livro. Isto é, quando foi escrito, por quem foi escrito, para quem foi escrito, qual foi a ocasião em que foi escrito, todo esse tipo de coisa pode ser, é claro, muito útil para entender o que o escritor está tentando dizer. dizer ou fazer dentro do livro. O local padrão para buscar esse tipo de informação é, antes de tudo, os dicionários bíblicos.

Qualquer dicionário bíblico, já falamos sobre isso, dicionários bíblicos anteriormente, qualquer dicionário bíblico terá artigos, é claro, sobre os vários livros bíblicos onde

essas questões básicas serão discutidas. Há também um recurso chamado introduções do Novo Testamento ou do Antigo Testamento. Uma introdução do Novo Testamento ou uma introdução do Antigo Testamento realmente trata do contexto histórico com certa profundidade, do contexto histórico dos vários livros.

Eu tenho uma seção sobre introduções do Novo Testamento em minhas Ferramentas Essenciais de Estudo Bíblico para Ministério, e falamos sobre algumas das principais. O outro tipo de pano de fundo histórico, porém, é um pano de fundo histórico relativo às coisas mencionadas no livro. Digo história aqui, mas na verdade o que quero dizer são alusões dentro do texto, coisas que são mencionadas dentro do texto.

Muitas vezes, claro, há coisas mencionadas no texto e o escritor apenas assume que o leitor original teria esse conhecimento porque, claro, isso faz parte do contexto histórico. O escritor e o leitor compartilham o contexto histórico. Não temos necessariamente o mesmo tipo de conhecimento prévio e, portanto, precisamos nos atualizar para ter o mesmo nível de competência de conhecimento que o leitor pretendido do texto.

Deixe-me dar um ou dois exemplos das parábolas de Jesus. Em Mateus capítulo 13, com relação à parábola das terras, vemos em 13:3 e 4, um semeador saiu para semear, e enquanto semeava, algumas sementes caíram à beira do caminho, e depois outras sementes caíram em terreno pedregoso, e outras sementes caíram em solo espinhoso, e outras sementes caíram em solo bom. Aqui, então, você tem um método de semeadura, segundo o qual o semeador tem a semente, provavelmente em um saco, e simplesmente a joga com liberalidade, e ela cai em vários tipos de solo.

Pelo contrário, testar o solo e certificar-se de que o solo é bom, e semear apenas em solo bom. Isto levanta uma questão; este método de semeadura aqui que Jesus descreve nesta parábola levanta uma questão sobre como o método de semeadura deste semeador se relacionava com os métodos gerais de semeadura naquele contexto histórico. Esta era uma forma típica de semear ou não? E o contexto histórico nos diz que esta não era de forma alguma uma forma típica de semear.

Que era muito mais comum, quase exclusivamente, semear envolvia testar o solo e certificar-se de que a semente era semeada apenas em solo bom, porque, ao contrário de hoje, a semente não era tão fácil de encontrar. A semente era relativamente cara. Você não queria desperdiçar sementes.

Lembro-me de John Nolan comentando sobre esta questão, dizendo algo como se nenhum agricultor em sã consciência teria pensado em semear desta forma. Assim, o contexto histórico nos diz que uma das coisas realmente surpreendentes, uma das coisas mais impressionantes que Jesus está introduzindo aqui nesta parábola, é a

maneira como este semeador semeia. E Jesus pode, portanto, porque isto é tão incomum, tão diferente do que qualquer um poderia esperar, ele pode estar chamando a nossa atenção para este método de semeadura e dizendo, isto é importante para entender o ponto desta parábola.

Eu poderia dizer também com relação à parábola do joio, que é a próxima parábola aqui na série de parábolas. Em Mateus 13, encontrado em 13:24-30, ele fala sobre um inimigo, é claro, semeando joio no meio do trigo. Mas a palavra para ervas daninhas aqui é zinzania, e se refere a um tipo específico de erva daninha que era conhecido naquela época naquela parte do mundo. E uma das características desse tipo de planta, desse tipo de erva daninha, é que ela era praticamente indistinguível do trigo até a aproximação da colheita.

Isso explica por que Jesus diz: deixe ambos crescerem juntos até a colheita, para que, ao arrancar o joio, você não arranque o trigo junto com ele. Outra característica daquela planta, que conhecemos com base no contexto histórico, era que o sistema radicular dessas ervas daninhas, as plantas zinzânia, tornou-se inextricavelmente entrelaçado com o sistema radicular da planta de trigo circundante. Então, por essa razão, era impossível arrancar o joio sem arrancar também o trigo junto com ele.

A propósito, o contexto histórico também nos diz que entre os rabinos, este tipo de planta, a zinzânia, e os esporos venenosos que ela produzia, eram vistos como uma espécie de metáfora para o mal e coisas semelhantes. Novamente, isso esclarece muito, esse contexto histórico esclarece muito o que temos aqui nesta história. Agora, outro tipo de evidência é a história do texto.

Isso realmente envolve crítica histórica, isso envolve realmente crítica textual. Muitos de vocês saberão que a Bíblia foi transmitida, nossas Bíblias foram, nossa Bíblia foi transmitida durante a maior parte dos últimos 2.000 anos, não pela imprensa, que entrou em cena relativamente tarde, mas por cópia dos escribas. E, portanto, vários erros surgiram na tradição manuscrita do nosso Novo Testamento.

E surgiu toda uma disciplina cujo propósito, propósito principal, é identificar da melhor forma possível o que os escritores inspirados realmente escreveram. Como eu disse, discernir em meio a vários tipos de erros que podem ter se infiltrado na tradição manuscrita qual era a redação original do texto. E você tem realmente dois tipos de erros aqui.

Um é um erro não intencional e o outro é um erro intencional. Em termos de erros não intencionais, estes podem ser erros de audição ou de visão. Às vezes, é claro, quando um escriba estava copiando um manuscrito, o escriba interpretava mal uma palavra, ou talvez ignorava uma palavra, ou algo parecido.

Então, você tem erros invadindo a tradição manuscrita dessa maneira. Mas às vezes acontecia por erros de audição, porque a versão antiga da produção em massa de livros previa que houvesse uma sala, uma sala grande cheia de monges, com o grande monge parado na frente da sala lendo o texto, e todos os pequenos monges estavam lá escrevendo o que ouviam. Às vezes, o monge não falava claramente, ou um dos pequenos monges não ouvia direito e eles entendiam a palavra errada.

Então, você tem esses tipos de erros. Esses são erros não intencionais. Se não for um oxímoro, por assim dizer, também existem erros intencionais.

Isso aconteceu quando um escriba tentou citar, retirar aspas e corrigir o texto. Certamente, Jesus não poderia ter dito isso. Ele deve ter dito isso em vez disso.

Vou corrigir o texto, citar, tirar aspas. Esses são erros intencionais e coisas do gênero. E assim surgiu uma disciplina, muito sofisticada chamada crítica textual, cujo objetivo principal é considerar todos esses tipos de coisas e, com base em um processo sofisticado, determinar da melhor maneira possível o que foi a redação original do texto sagrado.

Agora, há também uma, e claro, isso é importante para a interpretação porque queremos ter certeza de que a passagem, o texto que estamos interpretando, é realmente o que o escritor inspirado realmente escreveu. Isto nos daria uma pausa pelo menos significativa ao interpretar como parte do evangelho de Marcos o chamado final longo de Marcos, Marcos capítulo 16, versículos 9 a 20, que quase certamente foi produzido por um escriba no final do primeiro, talvez no início do século II, como forma de completar um evangelho que, em sua opinião, terminava de forma muito abrupta ali em Marcos 16.8. E é realmente uma combinação de Lucas 24 e Mateus 28 que não é original, quase certamente, sabemos, não era original do evangelho de Marcos. E você tem outros versículos aqui e ali, ou outras leituras aqui e ali, que foram acrescentadas pelos escribas, ou refletem erros dos escribas, e assim por diante.

Há, no entanto, um segundo, bem, esse é o objetivo principal, na verdade, da crítica textual. Agora, a maioria de vocês não se tornará especialista em crítica textual. É simplesmente importante saber que há esse tipo de coisa acontecendo na tradição textual, e levar a sério as notas de rodapé e coisas assim, em versões como a RSV ou mesmo a NVI, quando elas farão referência, você sabe, a variantes textuais e similares.

A releitura que aparece na tradução, digamos a RSV, é aquela que, segundo o julgamento dos tradutores, é mais confiável, tem maior probabilidade de ser a redação do autor original inspirado, e assim por diante. E, claro, se você fizer uso de comentários, os comentaristas discutirão frequentemente variantes textuais. É bom

estar ciente do problema para que você possa entender esse tipo de discussão quando se deparar com elas.

Outro tipo de evidência seria a história da tradição. Não vou perder muito tempo com isso. É realmente uma forma de, em termos de explicação, é realmente uma forma de dizer que em algumas partes das nossas Bíblias, mais do que outras, pensamos especialmente nos Evangelhos, há uma história de tradição.

Ou seja, existe uma espécie de pré-história na forma final do texto. Nos Evangelhos, é claro, você tem quatro níveis de pré-história. Poderíamos dizer o Jesus histórico, isto é, os feitos e ensinamentos de Jesus enquanto ele realmente caminhava pelas costas da Galiléia.

Temos o período de uma espécie de transmissão oral da tradição de Jesus nos anos imediatamente seguintes à ressurreição. As palavras de Jesus e os relatos dos feitos de Jesus circularam de boca em boca, especialmente no ensino e na pregação. E então, à medida que os apóstolos e outras testemunhas oculares começaram a morrer, essas tradições foram reduzidas à escrita, então temos o surgimento de fontes escritas.

E então você tem nossos Evangelhos finais, onde nossos evangelistas realmente usaram as tradições que estavam disponíveis para eles, tanto fontes escritas que estavam disponíveis para eles, quanto esta tradição oral que continuou a circular e formar seus Evangelhos a partir desta tradição, a fim de para comunicar o que consideramos ser a mensagem inspirada que eles deveriam transmitir aos seus leitores e similares. E que as disciplinas críticas e o estudo crítico se desenvolveram direcionados a cada um desses níveis e similares. E que não temos nada a temer de uma utilização legítima e responsável deste tipo de abordagens críticas.

E na verdade fazem parte, como tudo o é, de uma abordagem indutiva. Levamos esse tipo de coisa a sério, especialmente na medida em que a história da tradição em direção à forma final do texto pode, de fato, iluminar a forma final do texto. Agora, como eu disse em relação à crítica de texto e também em relação à história da tradição, é improvável que a maioria de vocês se torne especialista ou mesmo queira se tornar especialista nestas disciplinas críticas.

É simplesmente útil saber que existe, em algumas partes da Bíblia, uma espécie de história da tradição que está por trás do texto, um crescimento da tradição em direção ao que temos nos nossos Evangelhos finais. E isto pode, se usado de forma adequada, cuidadosa e responsável, iluminar, de certa forma, o que temos no nosso texto final. Novamente, se você tiver acesso a comentários, muitas vezes eles trarão esse tipo de discussão.

E você pode achar isso útil ao usar comentários. Na verdade, falando em comentários, isso leva ao último desses tipos de evidência, que é uma história de interpretação. Achemos que, na medida em que você for capaz de fazê-lo, na medida em que tiver acesso aos recursos, é importante fazer uso da interpretação dos estudiosos.

Isso geralmente é encontrado em comentários. E relacionar o que você encontrou no seu próprio trabalho, estudo direto do texto, com o que os estudiosos estão dizendo. Agora, eu penso que, idealmente, bem, deixe-me dizer, no que diz respeito à escolha dos comentários, o que temos em mente aqui é o uso de comentários exegéticos em vez de comentários devocionais, por um lado, e comentários homiléticos, por outro.

Um comentário exegético não significa que seja necessariamente difícil de entender, mas por comentário exegético queremos dizer um comentário cujo propósito é dar uma interpretação do texto. Considerando que o propósito de um comentário devocional é trazer à tona certos pensamentos devocionais relativos ao texto. Há lugar para esse tipo de comentário, um dos melhores, aliás, é o comentário clássico de Matthew Henry.

Há lugar para esse tipo de comentário, mas não é isso que temos em mente aqui. Isto não será particularmente útil para o tipo de interpretação que estamos tratando aqui. E estamos falando de comentários exegéticos em contraste também com comentários homiléticos.

O propósito de um comentário homilético é fornecer ideias para o sermão e, às vezes, até mesmo esboços do sermão. Não estou tão confiante quanto ao valor dos comentários homiléticos quanto estou dos comentários devocionais, mas não importa o que você pense sobre o valor desse tipo de coisa, acho que é muito útil para os pregadores realmente desenvolverem seus próprios sermões. em vez de obtê-los de segunda mão de outra pessoa. Mas de qualquer forma, não importa o que você pense dos comentários homiléticos, não é isso que temos em mente aqui, mas sim comentários exegéticos.

O melhor tipo de comentário exegético é aquele que apresenta a interpretação do texto pelo comentarista com evidências, de modo que o comentarista simplesmente não dê uma opinião a respeito do que ele ou ela pensa que isso significa, mas na verdade cite evidências e com base das evidências citadas vai em frente e tira a conclusão. Acho que é útil, se você puder, escolher comentários que representem uma variedade de períodos da igreja, não apenas comentários modernos e mais recentes, embora você deva sempre fazer uso deles, mas, se possível, até mesmo comentários dos Padres. Existe uma série chamada Comentário Cristão Antigo sobre as Escrituras.

É editado por Thomas Oden e abrange toda a Bíblia, e para cada passagem ele dará talvez de duas a cinco breves passagens de comentários dos pais, selecionadas dos pais. Claro, estes são comentários altamente selecionados dos padres, mas a utilidade é que esta série torna esse comentário patrístico acessível para nós, facilmente acessível para nós. Calvin foi um grande comentarista.

Se você puder fazer uso do comentário de Calvino, encontrará nele uma grande riqueza. Lutero também o foi, portanto desde o período da Reforma. Desde o início do período pietista ou puritano, Johannes Bengel foi novamente um grande comentarista e similares.

Wesley tem comentários sobre o Antigo e o Novo Testamento, bem como, digo, comentários mais recentes e similares. A coisa a ter em mente, especialmente quando se trabalha com a história da interpretação aqui, não é simplesmente assumir que o que um comentador diz é certo, mas realmente envolver-se numa conversa crítica com o comentador, numa interação crítica com o comentador. Como o que o comentarista diz se relaciona com o que você mesmo descobriu em seu estudo direto do texto? Você concorda ou discorda da interpretação deste comentário? Por que ou por que não? Porque é realmente a partir dessa interação, é a partir dessa conversa, que você obtém uma maior percepção do significado do texto.

Agora, claro, é importante, como em cada caso, citar as provas destes vários tipos de provas, citar as provas, discutir as provas, e depois tirar inferências de cada prova citada, e a sua inferência deve ser uma possível resposta à questão levantada. Na verdade, é uma questão de dizer, esta evidência implica que a resposta à minha pergunta é tal e tal. E, claro, você deve ter muito cuidado para que sua lógica seja sólida à medida que passa da evidência à conclusão interpretativa.

Agora, queremos olhar para, queremos realmente olhar para a interpretação, fazendo uso destes, deste método de interpretação, para olhar para a interpretação de uma passagem do primeiro capítulo de Tiago, especificamente Tiago 1:5. Se algum de vocês tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que dá a todos os homens generosamente e sem censura, e ela lhe será dada. Então, volte aqui, e agora, nossa pergunta é: qual é o significado da sabedoria aqui em 1, 5, se algum de vocês carece de sabedoria? Começamos com a definição preliminar; a palavra em grego é sophia. Bauer-Danker definiu-o como a capacidade de compreender e funcionar de acordo.

Thayer a define como sabedoria, inteligência ampla e plena. Então, que tipos de inferências podemos tirar dessas definições básicas? Bem, eles implicam que em termos de carácter, Sophia implica, que isto implica que a sabedoria envolve o elemento do conhecimento ou da compreensão, do pensamento, na verdade. Além disso, em termos de extensão, implica que a sabedoria envolve conhecimento

completo ou pleno, compreensão, conhecimento ou compreensão extensiva ou abrangente.

Agora, passamos para o contexto, e sendo todo o resto igual, a evidência do contexto é o tipo de evidência mais significativo, então eu tomaria cuidado para não me afastar da evidência muito rapidamente. Mas isto é o que podemos dizer em relação às evidências do contexto. Em primeiro lugar, Tiago refere-se a alguns dos seus leitores que podem carecer de sabedoria, e Tiago dirige-se repetidamente aos seus leitores como irmãos, indicando assim leitores cristãos; há uma série de outras indicações ao longo do livro de que James considera seus leitores fidedignos, isto é, verdadeiros cristãos McCoy.

Portanto, isto implica que a sabedoria que Tiago descreve aqui não é inerente às pessoas em geral, nem mesmo aos crentes cristãos. Não é uma parte necessária ou essencial da experiência cristã. Em outras palavras, ele apresenta aqui a possibilidade de que os verdadeiros cristãos possam carecer de sabedoria.

Continuando com o contexto, Tiago enfatiza que aqueles que carecem de sabedoria devem pedir a Deus em vez de buscar essa sabedoria de alguém ou de qualquer outra coisa. Você percebe como estamos aproveitando as observações que fizemos na observação detalhada, transformando-as em evidências aqui. Tiago enfatiza que aqueles que não têm sabedoria devem pedir a Deus em vez de buscar essa sabedoria de alguém ou de qualquer outra coisa, enquanto Tiago assegura a seus leitores que aqueles que pedem sabedoria a Deus da maneira adequada receberão sabedoria de Deus.

Portanto, isto implica que a sabedoria que James descreve é uma realidade transcendente e divina, não pertencente ao plano do potencial e possibilidade humana. Isto também pode implicar uma distinção ou contraste entre a sabedoria humana ou mundana e a sabedoria divina. Então, continuando com a evidência do contexto, enquanto 1:5 a 8 pode apresentar os meios gerais para os fins particulares descritos em 1:2 a 4 e 9 a 15.

Lembre-se, vimos na pesquisa e em nossa observação detalhada a possibilidade de que 1,5 a 8, essa sabedoria possa ser o meio de cumprir suas exortações a respeito da firmeza em meio às provações nos versículos 2 a 4 e nos versículos 9 a 15. Aqui, eu na verdade, dão suporte à noção de que a sabedoria pode, de fato, funcionar dessa maneira. Gostaria de observar que a situação de falta de sabedoria aparentemente não é determinada por circunstâncias externas específicas, enquanto o contexto envolvente tem a ver com circunstâncias externas específicas, nomeadamente enfrentar julgamentos e especialmente julgamentos sob a forma de opressão por parte dos ricos.

A sabedoria é aqui apresentada como um dom preeminente de Deus juntamente com a Palavra e, portanto, como um requisito preeminente para enfrentar os desafios específicos e cumprir as exigências específicas deste contexto. Tudo isso realmente apoia nossa suposição de que a sabedoria é o meio, o meio divinamente fornecido, para os leitores cumprirem as exortações que cercam esta passagem de perseverança em meio a provações e tentações. Assim, embora 1:5 a 8 possa apresentar a sabedoria, talvez, em outras palavras, os meios para os fins específicos de suportar bem as provações e tentações, e considerando que as exortações e descrições específicas ao longo dos versículos 2 a 15 envolvem uma resposta adequada às provações. Portanto, isto implica que a sabedoria em 1:5 a 8 envolve especificamente a resposta adequada às provações ou tentações, ou pelo menos a capacidade de responder adequadamente às provações ou tentações, mas ao mesmo tempo pode não estar absolutamente limitada à resposta do cristão. a provações ou tentações.

Agora, prosseguiremos com a evidência do contexto e observaremos que, embora, de acordo com a definição preliminar, a sabedoria envolva compreensão ou entendimento mental, e considerando que a base para uma resposta adequada às provações no versículo 3, o conhecimento, e nos versículos 9 a 15 é o pensamento correto, aqui notamos os versículos 9 a 11 e a conexão entre suportar provações e conhecer a natureza e a fonte da tentação, e considerando que o tema da sabedoria de 1:5 a 8 pode estar diretamente relacionado ao contraste entre ser enganado e conhecimento, e considerando que, em 3:13, a sabedoria está ligada ao entendimento, quem é compreensivo e sábio entre vocês, portanto, tudo isso implica que a sabedoria tem a ver com conhecimento preciso e pensamento correto, e ênfase no intelecto. Espero que você veja como as premissas aqui, que são premissas evidenciais do contexto, realmente levam a esta conclusão interpretativa. Por outro lado, embora as preocupações finais ao longo de 1.2 a 27 e do livro como um todo não sejam o pensamento correto, mas a ação correta, as declarações servem como base que leva às exortações.

As declarações nunca são feitas e terminam em si mesmas, mas sempre feitas para servir de exortação, e embora a epístola enfatize o caráter inaceitável do pensamento correto separado das ações corretas, e aqui eu cito várias passagens, você pode olhar para elas para ver que esse é o caso, e considerando que o uso da sabedoria em 3:13 a 18, que vimos, é claro, na pesquisa do livro, particulariza a referência à sabedoria aqui, tem a ver principalmente com comportamento, com ações, e não com pensamento, e Considerando que a própria epístola transmite conhecimento e pensamento correto, de modo que se estes fossem o conteúdo primário da sabedoria, os leitores não poderiam, pela natureza do caso, carecer de sabedoria, eles têm esta informação, em outras palavras, dada a eles no epístola em si, e não teria necessidade de orar por sabedoria, portanto, toda esta evidência implica que a sabedoria tem principalmente a ver com comportamento, com ações corretas, com ênfase em fazer, continuando a evidência do contexto, enquanto a

evidência anterior indica que a sabedoria em Tiago pode ser usada tanto para pensar quanto para ações, e considerando que a epístola está profundamente preocupada com a conexão entre o conhecimento correto e a ação correta, e aqui, eu observaria o caráter específico da recorrência de causalidade e substanciação, a exortação padrão ao longo do livro, onde as ideias corretas, o pensamento correto, o conhecimento indicativo, levam ao comportamento correto, e toda essa conexão é explicitamente abordada em 1:22 a 25, e em 2:1, e novamente em 2:14 a 26, argumentando que o conhecimento correto por si só não é suficiente, mas também que a ação correta só pode ocorrer através do conhecimento correto, e considerando que a falta de sabedoria é vista como uma violação da perfeição e completude, indicando abrangência e coerência, de modo que a falta de sabedoria deve ser, então a falta, a falta, a falta de sabedoria é imperfeita no sentido de falta de completude e coerência, e considerando que a sabedoria como um dom de Deus é boa e perfeita, ou seja, traz completude, totalidade e coerência, portanto, isso implica que a sabedoria envolve a congruência e a coerência do pensamento correto e da ação correta. Além disso, em 3:13 a 18, que, como nos lembramos, particulariza esta descrição geral da sabedoria na nossa passagem, Tiago defende a ligação necessária entre a sabedoria na compreensão e a sabedoria no comportamento. A verdadeira sabedoria deve ser expressa em ação para ser verdadeira, assim como ele argumenta em outro lugar que a verdadeira fé deve resultar em obras para ser verdadeira. Ele diz em 3.13, quem é sábio em entendimento entre vocês, por sua boa vida, mostre suas obras na mansidão da sabedoria.

Isto é muito semelhante ao que ele disse em relação à fé e às obras em 2.18, mas alguém dirá: você tem fé e eu tenho obras; mostre-me a sua fé sem as obras, e eu, pelas minhas obras, lhe mostrarei a minha fé. Isto implica então que a sabedoria envolve a congruência e a coerência do pensamento correto e da ação correta. Então, resumindo o contexto, essa sabedoria deve ser divina e transcendente.

Não é inerente à vida humana ou à existência cristã. Vem de Deus e somente de Deus. Como tal, reflete a natureza de Deus.

Além disso, a sabedoria de 1:5 a 8 pode dizer respeito principalmente à resposta do cristão às provações, mas não está absolutamente limitada a isso. Parece ser mais geral. Terceiro, a sabedoria pode envolver alguém, principalmente o pensamento correto, intelectual; dois, principalmente atuação correta, comportamental; ou três, tanto o pensamento correto quanto a ação correta, e a conexão crítica entre os dois.

Agora, em termos de uso de palavras, fui em frente e olhei para cada ocorrência da palavra Sophia no Novo Testamento, e discuto essas ocorrências sob evidência e então tiro inferências e possíveis respostas para nossa pergunta em nossa passagem aqui no lado direito. Normalmente, Sophia no Novo Testamento é usada no sentido de conhecimento, compreensão ou visão intelectual. Às vezes é usado no sentido de

conhecimento, até mesmo de revelação, e às vezes no sentido de compreensão, discernimento, isto é, discernimento ou julgamento.

Isto implica que a sabedoria de 1:5 a 8 pode envolver principalmente conhecimento, compreensão ou discernimento, com ênfase no intelectual. Mas também, no que diz respeito ao uso das palavras no Novo Testamento, embora o elemento intelectual, o elemento de conhecimento, seja enfatizado, às vezes há atenção ao papel da sabedoria, do conhecimento e da compreensão nas ações ou no comportamento. A Inferência então implica que a sabedoria em Tiago 1:5 a 8 pode envolver alguma atenção à conexão entre conhecimento ou compreensão e comportamento justo.

Terceiro, muitas vezes, especialmente em Paulo, é feito um contraste entre a sabedoria humana e a sabedoria divina. Este é um método paulino preferido de distinguir entre esta era maligna e ímpia, portanto relacionada à incredulidade, os principados e potestades, por um lado, e o governo de Cristo, com ênfase na proclamação da cruz em face da rejeição humana, por outro. , sendo um a sabedoria mundana, o outro a sabedoria divina ou piedosa. Esta sabedoria divina em Paulo é teológica porque tem a ver com o plano de Deus.

É cristológico na medida em que se concentra na obra de Cristo, às vezes quase hipoteticamente, ou seja, que Cristo é identificado como a sabedoria de Deus. E é escatológico porque envolve a revelação do mistério, escondido durante gerações, mas finalmente revelado em Cristo. Enfatiza-se que esta verdadeira sabedoria tem sua fonte em Deus e as pessoas não podem tê-la ou entendê-la fora de sua revelação especial e graciosa.

Agora, isso implica então que a sabedoria de 1 :5 a 8 pode envolver, primeiro, um contraste implícito entre a sabedoria divina, a sabedoria que vem de Deus, e a sabedoria humana ou mundana, que pode envolver uma revelação do plano de Deus, especialmente como relacionado à obra de Cristo, sua morte e senhorio universal. Pode envolver a pessoa do próprio Cristo como a sabedoria de Deus. Pode envolver a revelação escatológica do mistério de Deus no tempo do fim, o seu plano para Cristo no período messiânico, e que esta sabedoria não pode ser alcançada através da habilidade ou capacidade de pensamento humano, mas apenas através da revelação divina.

Às vezes, notamos também, há uma ligação estreita, este é o uso contínuo de palavras no Novo Testamento, há uma ligação estreita entre a sabedoria e o Espírito Santo, mas nunca, ao que parece, uma identificação completa. O Espírito às vezes é visto como o agente da sabedoria e pode ser que em Lucas Atos ser cheio do Espírito seja ser cheio de sabedoria. Isto implica que a sabedoria em Tiago 1:5 pode estar intimamente relacionada com o Espírito Santo; na verdade, pode vir do Espírito Santo.

Quinto, no Novo Testamento, a sabedoria é por vezes, embora deva ser relativamente rara, embora relativamente raramente relacionada com discurso eloquente ou argumentação persuasiva. Isto implica que a sabedoria em Tiago 1:5 a 8 pode envolver discurso eloquente ou argumentação persuasiva. Às vezes, no Novo Testamento, está relacionado com uma advertência para não sermos enganados, especialmente nestas duas passagens.

A propósito, essas palavras gregas são palavras que aparecem mais tarde em Tiago 1. Então, com relação ao uso e ao contexto do Novo Testamento, relacionando, em outras palavras, o uso e o contexto do Novo Testamento, lembre-se de quando mencionamos quando você está fazendo uso de No uso das palavras do Novo Testamento, é importante se envolver em uma conversa crítica entre como a palavra é usada em outras passagens do Novo Testamento e como a palavra é empregada em sua passagem para identificar se ela é usada essencialmente da mesma maneira ou de uma maneira essencialmente diferente, sendo cuidado para não apenas despejar acriticamente em sua passagem como a palavra é usada em todas as outras passagens do Novo Testamento. Então, é isso que estamos fazendo aqui. Há evidências de continuidade e descontinuidade entre o uso das palavras e o contexto.

Notamos, por um lado, que não há praticamente nenhuma preocupação no livro de Tiago com o conhecimento e o discernimento em si mesmos. Na verdade, há uma grande rejeição do conhecimento e do insight como fins em si mesmos em James. Isto realmente se relaciona com os números 1 e 2, que a sabedoria em Tiago pode, com base no uso das palavras do Novo Testamento, envolver principalmente a dimensão intelectual e envolver alguma atenção secundária ao comportamento justo ou ético.

Além disso, notamos que em Tiago não há nenhuma preocupação com a revelação de Cristo como o mistério há muito escondido de Deus. Na verdade, muito pouca atenção à cristologia em Tiago. Isto se relaciona com os números 4 e 5 e sugere que há uma descontinuidade significativa entre essas ênfases paulinas sobre a sabedoria e o retrato da sabedoria em Tiago.

Isto se refere, digo, aos capítulos 4 e 5, que no Novo Testamento, a sabedoria muitas vezes envolve uma revelação do mistério há muito escondido de Deus, centrado na morte de Cristo e no senhorio universal, e envolve a pessoa e a obra de Cristo como a sabedoria de Deus. A propósito, em termos da advertência de James Barr contra a transferência ilegítima de totalidade, observe quão obviamente inapropriado seria dizer que quando Tiago fala sobre sabedoria em 1:5, ele está falando sobre a revelação do mistério há muito escondido de Deus centrado na morte de Cristo. e senhorio universal. Não há razão no mundo para pensar que James tenha algo específico em mente aqui.

Além disso, notamos que não há preocupação em Tiago com o Espírito Santo. Não que o próprio Tiago fosse contra o Espírito Santo, mas ele menciona o Espírito Santo em sua epístola. Certamente não há nenhuma preocupação explícita, relacionada ao número 7, de que no Novo Testamento, muitas vezes há uma relação estreita entre a sabedoria e o Espírito Santo.

Além disso, notamos no Novo Testamento, quero dizer, em Tiago, que não há preocupação com discurso eloqüente ou argumento persuasivo. Isto se relaciona com o número 8, envolve no Novo Testamento, muitas vezes, discurso eloqüente ou argumento persuasivo. E em 5, Tiago, contudo, faz um contraste muito explícito entre a sabedoria humana e a sabedoria divina, que encontramos no Novo Testamento como um todo.

E ele relaciona sabedoria com não ser enganado, empregando os mesmos termos que Paulo usa. Portanto, o uso da sabedoria por Tiago é geralmente bem diferente daquele do Novo Testamento como um todo, mas contém alguns elementos comuns, e estes são iluminados em Tiago pelo uso de palavras no Novo Testamento. Em termos de uso de palavras no Antigo Testamento, isso tem a ver com a forma como Sofia é usada na Septuaginta.

Às vezes é usado no sentido de habilidade e habilidade, às vezes mais frequentemente usado no sentido de comportamento correto, vida de piedade. Isto é especialmente proeminente na tradição de sabedoria com a qual Tiago compartilha muitas características. Envolve aí a compreensão da realidade traduzida em ação.

Acredito que essa seja realmente a essência da sabedoria na compreensão da realidade do Antigo Testamento traduzida em ação. Portanto, tem a ver com a orientação e ordenação de toda a vida em torno da realidade. Às vezes, especialmente no Judaísmo posterior, conforme refletido nos Apócrifos e Pseudepígrafos, bem como em porções posteriores do Antigo Testamento, é usado hipostaticamente para falar de Deus ou do espírito de Deus em sua atividade, especialmente sua atividade na criação, mas também a sua atividade contínua na vida do mundo.

Claramente, o único desses usos que poderia ser refletido em James é o número dois. E há uma forte evidência contextual para ambos, A, a influência da tradição de sabedoria do Antigo Testamento sobre Tiago, e B, a noção de que a sabedoria em Tiago envolve a ordenação de toda a vida em torno da realidade de Deus e da sua revelação. Isto implica que a sabedoria em Tiago 1 :5-8 é usada no sentido de comportamento correto que decorre de uma compreensão da realidade tal como Deus a revelou.

Interpretação dos outros, diz Sophie Laws, em termos de sua conclusão, a sabedoria é um vínculo unificador que produz totalidade e perfeição. Envolve o fundamento ou

a base da ação, bem como a própria ação correta. Ela cita como evidência o contexto.

Ela diz que está relacionado a ser perfeito e completo, sendo esse negócio de produzir totalidade e perfeição a base da ação, bem como da ação correta, o vínculo unificador que unifica o pensamento correto e a ação correta. Além disso, ela cita o contexto, que é o sentido do termo em 3:13-18. No uso das palavras, ela diz que às vezes está relacionado à sabedoria. Assim, notamos que o uso de evidências por Law é ao mesmo tempo preciso e lógico, especialmente do contexto, embora sua evidência a partir do uso de palavras seja um tanto esparsa e tênue.

Então, tiramos uma inferência disso. Assim, identificamos então as principais possibilidades que emergem de nossas inferências. Essa sabedoria tem a ver, A, possivelmente com visão e compreensão intelectual, ou que a sabedoria tem a ver com a ação correta, essencialmente comportamental, ou que a sabedoria tem a ver com a ordenação de toda a vida em torno da realidade como Deus a revelou, essencialmente uma congruência entre pensamento correto e ações corretas.

Portanto, poderíamos chamar as evidências de nossas inferências acima. Eu decidiria com base nas evidências que a possibilidade que tem mais peso e mais evidências a seu favor e, no meu julgamento, seria C, de modo que essa é realmente a nossa interpretação, a resposta à pergunta. E aqui então, em um parágrafo, tento trazer realmente tudo o que temos aí.

No início do próximo segmento, iremos apenas completar a conclusão final desta interpretação de Tiago 1:5-8.

Este é o Dr. David Bower e seu ensino sobre Estudo Bíblico Indutivo. Esta é a sessão 14, Interpretação, Contexto Histórico, Crítica Textual, Estudo da Palavra de Sabedoria de Tiago 1:5.